



## O SONHO DO VAZIO IDEOLÓGICO: A *TIRANIA DO AMOR*, DE CRISTOVÃO TEZZA

THE DREAM OF IDEOLOGICAL EMPTINESS: *A TIRANIA DO AMOR*, BY  
CRISTOVÃO TEZZA

Gustavo Ramos de Souza\*

\* avulsoaoavesso@gmail.com  
Doutorando em Letras: Estudos Literários, da Universidade Estadual  
de Londrina.

Toda obra comporta em si, implícita ou explicitamente, a sua própria crítica. É como um ato falho: nem sempre de modo consciente, um romance dá pistas, por meio do diálogo entre as personagens ou um comentário do narrador, sobre a melhor maneira de ser interpretado. Com *A tirania do amor*, novo romance de Cristovão Tezza, não poderia ser diferente. Assim como em *O professor* (2014) e *A tradutora* (2016), *A tirania do amor* tem como pano de fundo a crise política do Brasil contemporâneo, mas, diferentemente dos seus romances anteriores, a narrativa não é ambientada em Curitiba, mas em São Paulo, pois a cidade é a “capital econômica do país”. Isso porque, em primeiro plano, narra um dia da vida de Otávio Espinhosa, um economista

que teve sua tese de doutorado sobre o funcionalismo público reprovada pela banca e que, depois, em aposta com sua esposa, publica um *best-seller* de autoajuda chamado “A matemática da vida” sob o pseudônimo de Kelvin Oliva. Neste dia decisivo de sua vida, Espinhosa está diante da deflagração de uma verdadeira crise pessoal e profissional: sua esposa, Rachel, quer deixá-lo para ficar com um colega de trabalho; a empresa na qual é consultor financeiro, a Price & Savings, está à beira da falência depois de dois executivos terem se envolvido em um escândalo de corrupção; e o filho mais velho, Daniel, é um jovem militante de esquerda que despreza tudo quanto o pai representa. A sua crise pessoal mescla-se à crise do país. Tudo o que ele

quer é fugir de onde está, buscar outro rumo para a vida, enquanto espera que o dia fatídico termine logo. “Eu estou imerso na vulgaridade”,<sup>1</sup> diz a certa altura. A resposta que encontra para escapar disso é abdicar da vida sexual, tal qual um monge medieval; afinal, para ele, “a sexualidade é um cavalo selvagem”<sup>2</sup>, e “a paixão *descuida*”:<sup>3</sup> é a tirania do amor. Se em *Lisístrata*, de Aristófanes, a greve sexual feminina é usada para pôr fim à guerra, no romance, a abstenção sexual é uma decisão individual que não tem nenhum propósito senão de reagir à crise pessoal e política.

O romance opera a partir de uma dupla tensão: de um lado, há o conflito geracional; de outro, a dicotomia entre a tirania do amor e a matemática da vida. Quanto à primeira tensão, Espinhosa enfrenta a rebeldia juvenil de seu filho em um verdadeiro conflito edipiano. Daniel diz: “[v]amos ocupar até a última resistência contra todas as reformas; um país não se faz com matemática! É preciso libertar a criação coletiva”,<sup>4</sup> em clara provocação ao pai; quer também a morte de todos os banqueiros – e do pai, consequentemente – a fim de acabar com o dinheiro. Espinhosa, por seu turno, trata o filho como um verdadeiro estranho; pior: como uma caricatura: “*Meu filho é um chavão*”;<sup>5</sup> “Guri idiota”;<sup>6</sup> “Aquele pequeno idiota é um *idealista*”;<sup>7</sup> “A sabedoria de um escoteiro, com a fúria de um jacobino: é preciso dar um tom épico ao ridículo nacional”.<sup>8</sup> Em certo momento, cogita a morte do filho: “os filhos são fortíssimos,

*não se pode mais matá-los como nos tempos da Bíblia*”.<sup>9</sup> Esse conflito de gerações é também um conflito político-ideológico. O pai fala que é preciso ter foco na vida, e o filho responde: “[q]ue porra de foco é esse? A vida não cabe em focos”.<sup>10</sup> Daniel é um militante de esquerda: usa boina à Che Guevara, deixou a barba crescer, participa de ocupações dos sem-teto e tece insultos à “moralidade burguesa”, ainda que seja bancado pelos pais; já Espinhosa representa a elite financeira baseada num *ethos* neoliberal: estudou economia em Harvard, é consultor financeiro, frequenta restaurantes caros, acredita que o funcionalismo público representa a verdadeira classe dominante do país – isso sem fazer distinções entre garis e juízes ou diplomatas –, afinal, “um país é feito de dinheiro”,<sup>11</sup> “o dinheiro é o ponto de equilíbrio”:<sup>12</sup> *tempo é dinheiro*. Não se trata apenas do esquema binário “amarelo *versus* vermelho” ou de votar em Lula ou em FHC, como na cena do primeiro jantar com Rachel, que se passa em 1994; antes, subjaz a crença de que a presença do Estado interfere na suposta racionalidade econômica por causa da tradição patrimonialista do Brasil. Todavia, Espinhosa não leva em conta a variável humana: “o mal da matemática é que ela tem uma compulsão irresistível a *retificar* o mundo, de modo a adaptá-lo à pura e exata abstração da geometria. Transferi meu talento matemático à apreciação das pessoas”.<sup>13</sup> O seu mundo ideal seria regido pelo cálculo, eliminando varáveis como

1. TEZZA. *A tirania do amor*, p. 6.

2. TEZZA. *A tirania do amor*, p. 12.

3. TEZZA. *A tirania do amor*, p. 15.

4. TEZZA. *A tirania do amor*, p. 68.

5. TEZZA. *A tirania do amor*, p. 29.

7. TEZZA. *A tirania do amor*, p. 102.

6. TEZZA. *A tirania do amor*, p. 71.

8. TEZZA. *A tirania do amor*, p. 70.

9. TEZZA. *A tirania do amor*, p. 86-87.

10. TEZZA. *A tirania do amor*, p. 29.

11. TEZZA. *A tirania do amor*, p. 48.

12. TEZZA. *A tirania do amor*, p. 114.

13. TEZZA. *A tirania do amor*, p. 22.

o sexo (e a possibilidade de adultério), a dissidência política, o irracionalismo juvenil e a interferência estatal, tida necessariamente como corrupta. É o sonho do vazio ideológico dos operadores de mercado que tratam a vida como “apenas um jogo de probabilidades”.<sup>14</sup>

E aqui entra o segundo ponto de tensão do romance, que inclusive comanda o primeiro. Espinhosa possui um autêntico talento para os números: é uma calculadora ambulante que, em questão de segundos, soluciona multiplicações difíceis e raízes quadradas improváveis, além de ter uma verdadeira obsessão por números primos. Ele é extremamente lógico, frio, sem afeto, incapaz de ver as pessoas à sua frente ou, como diz sua esposa, “o meu marido é um ser abstrato”.<sup>15</sup> Mesmo a sua decisão de abdicar da vida sexual entra em um cálculo racional: “[t]ranscender o sexo. Transformar a matemática da vida num manual do monge do Tibete. [...] uma vida puramente mental, sem a corrosão atravancada e espinhenta dos fatos e das pessoas reais. Uma vida abstrata, algébrica”.<sup>16</sup> Fatos e pessoas reais devem ser, portanto, corrigidos pela matemática, pelo dinheiro. O ímpeto de retificar o mundo pressupõe uma disjunção entre ideal e real: Espinhosa é uma espécie de Dom Quixote da racionalidade matemática. Ele vê seu “imenso potencial desperdiçado” não apenas por causa de seu trabalho burocrático, mas também porque um mundo

regido pela tirania irracional do amor não consegue se conciliar com uma vida matemática: “o gênero humano não suporta tanta geometria”.<sup>17</sup> Para ele, o gênero humano é sinônimo do ridículo nacional, da imersão na vulgaridade, dos chavões do filho caricato, do sucesso da autoajuda, das declarações cafonas da esposa adúltera, ao passo que “não há espírito kitsch na matemática, uma arte intrinsecamente sem afetação”.<sup>18</sup> Há um choque entre um certo classicismo almejado e o aspecto *kitsch* das coisas que o circundam. Ele se sente deslocado no mundo em que vive, não consegue se adaptar; por isso, está em crise. O tempo não passa, o dia não acaba, a crise pessoal e nacional se perpetua; é como o paradoxo de Zenão, que, aliás, é mencionado em certo momento: “a imobilidade do movimento, o instante presente se prolongando interminável pela sua divisão perpétua em tempos menos e sucessivos”.<sup>19</sup> Isso se reflete na própria estrutura do romance: embora a ação principal decorra num único dia, as memórias do pai, dos primeiros anos com a esposa, da ex-namorada Teresa e dos anos de sua formação se interpõem e se mesclam no presente. O resultado tem um duplo efeito: ao mesmo tempo que alarga o tempo e prolonga a sua crise, contribui na caracterização de Espinhosa, uma vez que, imerso nos próprios pensamentos e lembranças, torna-se alheio ao mundo exterior, reforçando a sua incapacidade de enxergar o outro, de exercer empatia, tornando-o um homem egoísta e frio. Corolário

14. TEZZA. *A tirania do amor*, p. 84.

15. TEZZA. *A tirania do amor*, p. 14.

16. TEZZA. *A tirania do amor*, p. 88.

17. TEZZA. *A tirania do amor*, p. 110.

18. TEZZA. *A tirania do amor*, p. 7.

19. TEZZA. *A tirania do amor*, p. 107-108.

disso é a sua imobilidade, a sua inação, a sua inaptidão para sair da crise, atestada no final do romance: “[p]ensou em caminhar até em casa – seriam três mil e seiscentos metros, calculou, multiplicando o número de quarteirões por cem –, mas permaneceu imóvel”.<sup>20</sup>

Cumpramos ressaltar que, apesar de haver uma crítica mordaz à esquerda e à sua militância, encarnada na figura do filho, o romance é todo narrado em primeira pessoa: estamos diante senão de um narrador não confiável, ao menos de um relato exposto segundo certas convicções políticas e existenciais, isto é, o mundo apresentado em *A tirania do amor* é visto a partir de uma perspectiva única e enviesada ideologicamente, qual seja, a de Espinhosa. Isso fica claro quando ele comenta sobre o pai: “o meu pai era uma figura. [...] a figura eu inventei”,<sup>21</sup> ou quando a esposa lhe repreende: “[v]ocê só consegue ver o próprio filho como uma caricatura”.<sup>22</sup> Tudo quanto o leitor tem acesso ao longo das páginas do romance se dá por meio da perspectiva desse narrador autodiegético que possui uma visão elevada sobre si mesmo, mergulhado no solipsismo. Ademais, não se pode ignorar que, em que pese o fato de Espinhosa desprezar o mundo de vulgaridade em que vive, ele mesmo chafurda no lugar-comum ao escrever um *best-seller* intitulado “A matemática da vida”, o qual, aliás, é a única coisa em que obteve sucesso. Inclusive, por sugestão de Débora, que se torna a sua amante, ele resolve ressuscitar o pseudônimo

Kelvin Oliva a fim de dar palestras de cunho motivacional, ou melhor, “orientação existencial”. Sucumbir à vulgaridade é o modo que encontra para contornar a crise pessoal e profissional. Incapaz de agir, a sua insatisfação cínica é tão inócua quanto a revolução adolescente do filho.

O romance lança luz sobre si mesmo tanto na referência ao paradoxo de Zenão e sua relação com a estrutura temporal quanto na autodesmistificação do discurso do narrador, isto é, a tentativa de adequar a vida e o mundo a uma fórmula preconcebida resulta no imobilismo niilista. Da mesma forma que o romance parece não progredir, atravancado em idas e vindas temporais em um único dia, Espinhosa é também incapaz de levar adiante seus projetos: a tese não é concluída, seus relacionamentos fracassam, e ele falha em sua decisão de abdicar da vida sexual. Além disso, ainda que o filho seja rotulado de “chavão”, o fato é que Tezza recai no excesso de clichês ao caracterizá-lo. Não é apenas a visão do narrador, mas o discurso indireto livre e as próprias falas enunciadas por Daniel que denunciam esse excesso, o que torna a personagem caricata e inverossímil – ao passo que Espinhosa, repleto de contradições, é, apesar do cinismo, uma personagem mais fácil de atrair simpatia. As tensões que figuram no romance resultam em uma dicotomia esquemática que propositalmente esvazia *o outro*, tornando-o uma caricatura, a fim de conferir validade ao discurso totalizante do narrador.

20. TEZZA. *A tirania do amor*, p. 173.

21. TEZZA. *A tirania do amor*, p. 142.

22. TEZZA. *A tirania do amor*, p. 91.

O romance peca também nos diálogos artificiais de Espinhosa com sua filha, Lucila, sobre literatura. Menciona-se Dostoiévksi, Tolstói, Joseph Conrad e Eça de Queirós; quanto ao último, em referência a *O mandarim*, são gastas diversas páginas para discutir se é moral ou não matar o mandarim para enriquecer. O problema é que não há um dilema ético no romance que dê ensejo a tal discussão: embora em crise, Espinhosa em nenhum momento é colocado diante de uma escolha; em nenhum momento hesita de suas convicções. Ao contrário das menções a Spinoza, de quem Espinhosa diz em tom jocoso ser tataraneto – embora reduza a sua filosofia a jargões de autoajuda –, assim como do contexto político brasileiro, que influencia diretamente a vida das personagens, tais referências literárias não aparecem de modo orgânico na narrativa: estão deslocadas, surgem de modo artificial, cumprindo somente o propósito de demonstrar a inclinação da filha em cursar a faculdade de Letras. Ao fim, soa mais como uma obsessão pela intertextualidade que é marca da literatura contemporânea. De qualquer forma, apesar desses pequenos deslizes, Cristovão Tezza consegue, como poucos escritores brasileiros, captar o momento turbulento por que passa o Brasil e transformar em matéria literária. Há o risco de ser considerado datado daqui a algumas décadas, é claro, mas *A tirania do amor* tem a coragem de tocar em assuntos espinhosos e atuais.

## REFERÊNCIAS

TEZZA, Cristovão. **A tirania do amor**. São Paulo: Todavia, 2018.

*Recebido: 31/05/2018*

*Aceito: 07/10/2018*